

# **História das Américas I**

**Luis Eduardo Pina Lima**



**São Cristóvão/SE**  
**2010**

# História das Américas I

## Elaboração de Conteúdo

Luis Eduardo Pina Lima

---

## Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

## Diagramação

Neverton Correia da Silva

## Ilustração

Lucas Barros Oliveira

---

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

L732h      Lima, Luis Eduardo Pina.  
              História das Américas I/ Luis Eduardo Pina Lima --  
São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe,  
CESAD, 2010.

1. América do Norte - História. 2. América Central - História.  
3. América do Sul - História. I. Título.

CDU 94(7/8)

**Presidente da República**  
Luiz Inácio Lula da Silva

**Chefe de Gabinete**  
Ednalva Freire Caetano

**Ministro da Educação**  
Fernando Haddad

**Coordenador Geral da UAB/UFS**  
**Diretor do CESAD**  
Antônio Ponciano Bezerra

**Secretário de Educação a Distância**  
Carlos Eduardo Bielschowsky

**Vice-coordenador da UAB/UFS**  
**Vice-diretor do CESAD**  
Fábio Alves dos Santos

**Reitor**  
Josué Modesto dos Passos Subrinho

**Vice-Reitor**  
Angelo Roberto Antonioli

---

**Diretoria Pedagógica**  
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

**Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais**  
Giselda Barros

**Diretoria Administrativa e Financeira**  
Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)  
Sylvia Helena de Almeida Soares  
Valter Siqueira Alves

**Núcleo de Tecnologia da Informação**  
João Eduardo Batista de Deus Anselmo  
Marcel da Conceição Souza  
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

**Coordenação de Cursos**  
Djalma Andrade (Coordenadora)

**Assessoria de Comunicação**  
Edvar Freire Caetano  
Guilherme Borba Gouy

**Núcleo de Formação Continuada**  
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

**Núcleo de Avaliação**  
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)  
Carlos Alberto Vasconcelos

---

**Coordenadores de Curso**  
Denis Menezes (Letras Português)  
Eduardo Farias (Administração)  
Haroldo Dorea (Química)  
Hassan Sherafat (Matemática)  
Hélio Mario Araújo (Geografia)  
Lourival Santana (História)  
Marcelo Macedo (Física)  
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

**Coordenadores de Tutoria**  
Edvan dos Santos Sousa (Física)  
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)  
Janaína Couvo T. M. de Aguiar (Administração)  
Priscila Viana Cardozo (História)  
Rafael de Jesus Santana (Química)  
Ítala Santana Souza (Geografia)  
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)  
Vanessa Santos Góes (Letras Português)  
Lívia Carvalho Santos (Presencial)

---

## **NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO**

Hermeson Menezes (Coordenador)  
Arthur Pinto R. S. Almeida  
Carolina Faccioli dos Santos  
Cássio Pitter Silva Vasconcelos

Isabela Pinheiro Ewerton  
Lucas Barros Oliveira  
Nevertton Correia da Silva  
Nycolas Menezes Melo

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"  
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze  
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE  
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474



# Sumário

---

<b>AULA 1</b>	
A Antropologia Histórica e as Américas.....	07
<b>AULA 2</b>	
As Sociedades Indígenas.....	17
<b>AULA 3</b>	
Povos Mesoamericanos: Olmecas e Maias .....	27
<b>AULA 4</b>	
Culturas Mesoamericanas: Teotihuacana, Tolteca, Zapoteca, Mixteca, Totanaca, Tarasca e Asteca (Mexico) .....	41
<b>AULA 5</b>	
Zona Andina: povos Pré-Incaicos.....	63
<b>AULA 6</b>	
Zona Andina: o império dos Incas .....	87
<b>AULA 7</b>	
A Conquista das terras Indígenas .....	105
<b>AULA 8</b>	
A Invenção das Américas .....	117
<b>AULA 9</b>	
A Colonização do Novo Mundo .....	125
<b>AULA 10</b>	
As Pseudo-independências da América Latina.....	135



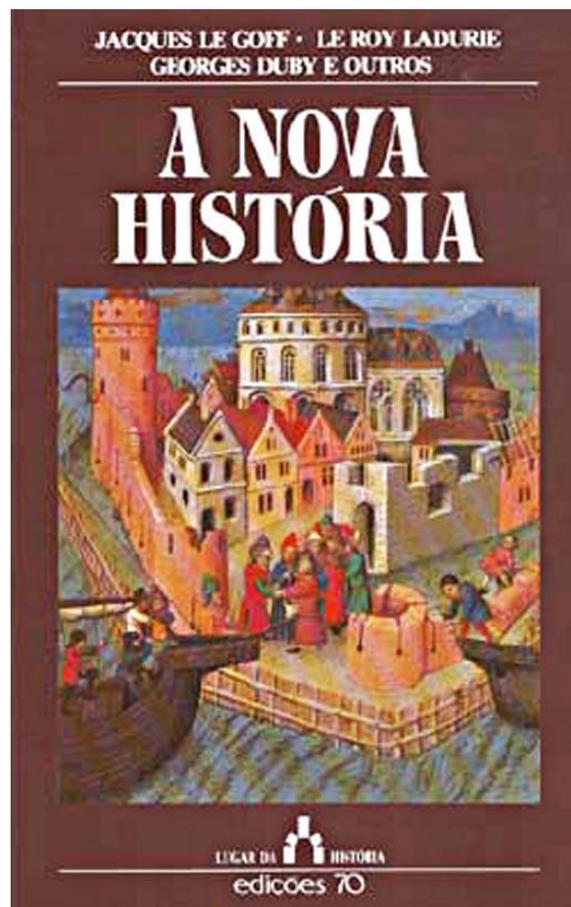
## A ANTROPOLOGIA HISTÓRICA E AS AMÉRICAS

### META

Levar o aluno a compreender a importância de estudar a História das Américas mediante os pressupostos conceituais da Antropologia Histórica.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
compreender a importância da Nova História;  
entender o que é Antropologia Histórica;  
esboçar um possível conceito de cultura.



Capa do livro de Nova História.  
(Fonte: <http://www.submarino.com.br>)



**Marc Bloch**  
(1886-1944)

Um dos fundadores da Escola dos Annales. Militou na resistência francesa e foi morto pelos nazistas no penúltimo ano da Segunda Guerra Mundial. Foi na Universidade de Estrasburgo que conheceu seu grande companheiro intelectual: Lucien Febvre e juntos criaram a revista *Annales*. Foi também um grande medievalista e seus estudos marcaram o início da Antropologia Histórica

## INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: Você já se encontra familiarizado com os estudos históricos. Portanto, a essa altura do campeonato, você certamente já ouviu falar da Nova História. Também já deve ter ouvido falar dos nomes de dois historiadores muito famosos: **Lucien Febvre e Marc Bloch**. Pois bem, eles foram os criadores de uma nova maneira de se escrever a História que ficou conhecida como Escola dos Annales.

A Escola dos Annales nasceu na França logo após a Primeira Guerra Mundial, fruto dos estudos escritos para uma importante revista publicada a partir de 1929, que se chamou *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Sua proposta esboçava o desejo de construir uma interpretação histórica dita total, envolvendo estudos econômicos, políticos, sociais e culturais.

Para tanto, os historiadores dos Annales passaram a dialogar com “outros saberes” como a Sociologia, a Geografia, a Economia, a Demografia, a Psicologia e a Antropologia. Assim sendo, ampliava-se enormemente o campo de estudo da pesquisa histórica e sua produção destoava substancialmente dos escritos positivistas e marxistas.

A chamada primeira geração de Annales, categorizada pelos dois historiadores supracitados, propunha essencialmente a produção de uma história mais ampla, que abandonasse elites, heróis, revoluções ou poderosas instituições.

*Annales* e seus historiadores interessavam-se pela massa da sociedade que permanecia distante dos poderes, os anônimos da História, aqueles que viviam à margem. Seus temas encontravam-se vinculados à religião, ao comportamento cotidiano, ao sentido imaginário que os homens davam às coisas, às mentalidades, à tradição e, é claro, aos processos históricos que envolvem a compreensão do tempo de longa duração.

Uma das obras mais relevantes deste período foi *Os reis taumaturgos* (1924), de Marc Bloch (1886-1944), que analisa a crença no poder curativo dos reis na França e na Inglaterra entre os séculos XII e XVIII, principalmente nos tempos de Luis XIV. O referido estudo foi considerado tão inovador que inaugurou uma maneira diferente de pensar e escrever a História. Nele, o autor mostra como o estudo das crenças pode ser relevante para compreensão da manutenção dos regimes absolutistas.

Já a chamada segunda geração dos Annales estruturou-se depois de 1945 e, inicialmente, privilegiou os estudos econômicos e demográficos; baseados, sobretudo, nas fontes documentais estatísticas. Assim como Marc Bloch trabalhou com o tempo de longa duração, os historiadores da segunda geração buscavam revelar, através de séries numéricas, as mentalidades (modelos de comportamento que surgem de um sistema de crenças que modifica a imagem do real) de outros tempos.

Talvez o maior expoente dessa geração tenha sido **Fernando Braudel**

(1902-1985), autor do célebre *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II* (1949) e de *Vida Material, Economia e Capitalismo* (1967).

No texto sobre o Mediterrâneo, Braudel partiu do tempo curto da política e das guerras para estudar os movimentos mais lentos e estruturais da longa duração que regulam, por exemplo, o tempo da economia, das instituições e das culturas; chegando a esboçar, inclusive, a possibilidade da existência de um tempo de longuíssima duração caracterizado por repetições cíclicas aparentemente marcadas por situações imutáveis.

Já *Vida Material* é um típico livro de Antropologia Histórica. Nele, Braudel demonstrou a relação existente entre os grandes equilíbrios econômicos e o comportamento das sociedades, caracterizados por gostos e gestos que marcavam o sistema mental de uma determinada cultura em um período específico.

A terceira geração de *Annales* desenvolveu-se no curso dos anos 60 e caracterizou-se pela apreciação de temas ligados a novos objetos como: a morte, a sexualidade, a criminalidade ou a delinquência. Em suma, os marginalizados roubaram a cena e se tornaram os novos protagonistas da trama da História.

Aqueles foram anos difíceis, marcados por protestos, queima de sutiãs e busca de caminhos alternativos ao ilusório mundo de felicidade e paz que o progresso racionalista do capitalismo selvagem havia prometido e, obviamente, falhado. Naqueles anos, a palavra desilusão deixou de ser uma metáfora e passou a ser o motor na busca da construção de novos caminhos.

A História não passou imune a toda essa confusão. A terceira geração, marcada por nomes como **Jaques Le Goff** e **Pierre Nora**, buscou uma aproximação cada vez mais estreita com as outras ciências sociais; expandindo enormemente suas bifurcações, descobrindo novos objetos, levantando novos problemas e, finalmente, esboçando novas abordagens.

Surge então a Nova História Francesa que, em hipótese alguma, pode ser compreendida como uma teoria; visto que não possui um corpo conceitual próprio, nem uma metodologia específica. No máximo, podemos compreendê-la como uma modalidade historiográfica diferente, uma maneira distinta de pesquisar e escrever a História, baseada na contribuição das outras Ciências Sociais.

Nesse sentido, tem toda razão **André Burguière** quando afirma em *Le Goff* (1998, p. 133) que “a antropologia histórica talvez corresponda muito mais a um momento do que a um setor da pesquisa histórica.”

## A ANTROPOLOGIA HISTÓRICA

A Antropologia sempre privilegiou o estudo das culturas humanas, dando ênfase a seus costumes materiais e imateriais. Sua contribuição à História encontra-se vinculada à mudança de enfoque que os historiadores



**Lucien Febvre**  
(1878-1956)

Seus estudos marcaram categoricamente a História das mentalidades com ênfase no tempo de longa duração. Junto com Marc Bloch fundaram Seção VI da Escolas de Altos Estudos de Ciências Sociais. Sua preocupação em compreender as ações dos homens através dos tempos marcou a aproximação da referida ciência da psicologia. Em 1946 passou a direção da Revista dos *Annales* a Fernando Braudel.



**Fernando Braudel**  
(1902-1985)

Seu estudo sobre o mar mediterrâneo na época de Felipe II pode ser considerada uma das maiores obras de geo-história escrita no século XX. Viveu na Argélia e passou alguns anos no Brasil (1935-37) onde colaborou na fundação da Universidade de São Paulo (USP)

de Annales propuseram na segunda década do século passado, qual seja: o abandono factual em detrimento do habitual, na busca da compreensão das mentalidades manifestadas na vida cotidiana das sociedades.

Neste sentido, a Antropologia Histórica seria compreendida como um enfoque ou uma perspectiva de abordagem da vida cotidiana (costumes, estilos de vida, hábitos físicos, gestuais, alimentares, afetivos e, principalmente, mentais).

A perspectiva será antropológica histórica, na medida em que responda a um procedimento que ligue uma determinada época, ou a evolução considerada, a sua ressonância social, aos comportamentos que ela absolveu ou modificou; atendendo à articulação da trama de significados culturais, sociais e econômicos que informam e transformam a vida biológica e social de uma comunidade, num determinado momento de sua existência.

No contexto da cultura ocidental, a Antropologia Histórica, enquanto estudo das formas de vidas cotidianas, remete-nos aos escritos de Heródoto que sentia a necessidade de frisar que descrevia em detalhes os costumes de diferentes povos da antiguidade, na tentativa de compreender o processo da suas construções civilizatórias.

A Antropologia Histórica traz novos problemas e novos métodos direcionados à pesquisa histórica. Neste sentido, alguns núcleos temáticos podem ser destacados dentro das possibilidades de estudos que se apresentam:

**História da alimentação:** Pesquisas sobre a História do consumo e suas curvas estatísticas retiradas da observação da flutuação dos preços ou do pagamento de dízimos, podem indicar hábitos alimentares e suas correlações com a qualidade de vida das populações. A revelação de tais hábitos podem também definir fronteiras de segregação ou discriminação social. Assim sendo, o estudo dos gostos alimentares pode conter elementos definidores da existência de diferentes status sociais e, portanto, de diferentes identidades.

**História do corpo:** A Antropologia Histórica se defronta com questões do corpo como sendo objeto da História. Necessário se faz destacar que o meio histórico cultural influencia nas transformações do aspecto físico das populações; o que pode ser considerado como uma forma de mudança social.

**História das doenças:** Tem relação com a articulação existente entre fatores biológicos (vírus, micróbios e bactérias), fatores socioeconômicos e a existência de normas socioculturais que determinam, por exemplo, como um indivíduo deve se relacionar com o seu corpo numa determinada cultura.

As relações de parentesco e as mentalidades também são alvos da Antropologia Histórica e servem para compreender os comportamentos familiares que constroem realidades comportamentais específicas, impondo mecanismos de resistência ou de mudança dos processos de longa duração.

No campo do universo simbólico e mental, pode-se explorar o estudo

do cotidiano enquanto espaço privilegiado para o desenvolvimento de comportamentos rotineiros e, portanto, tão arraigados que parecem imperceptíveis. Tais espaços podem ser fontes de uma História não escrita, uma outra História, não de migalhas, mas constituída de seres humanos reais, que foram silenciados pelo discurso histórico factual.

Trata-se, portanto, de uma História plural, construída de diferentes ramificações, que se abre a um leque muito amplo de pesquisas e nos possibilita, na prática, estudar minorias como os povos indígenas que constituíram, e ainda constituem, o universo de uma América esquecida, que nós, como futuros professores e historiadores não podemos deixar de tentar compreender.



**Jacques Le Goff (1924)**

O maior dentre todos os medievalistas foi um dos grandes divulgadores da Antropologia Histórica, e, conseqüentemente, da História das mentalidades. Na década de 60 do século passado sucedeu Fernando Braudel como diretor da Seção VI da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais da França. Como membro da terceira geração da Escola dos Annales, foi um dos principais responsáveis pela propagação da chamada Nova História, sobre a qual publicou um importante dicionário em 1978.

## OS CONCEITOS ANTROPOLÓGICOS DE CULTURA

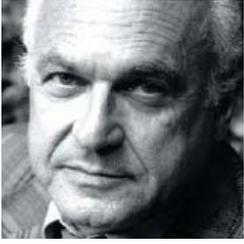
Certamente, vocês estão se questionando sobre a razão de estarmos refletindo sobre o conceito de cultura num curso dedicado à História das Américas. O motivo é muito simples: diante de uma compreensão que pretende mergulhar na realidade dos povos indígenas mediante um suporte antropológico, tal conceito torna-se extremamente relevante para seguirmos o nosso percurso, se não quisermos correr o risco de nos perdermos no meio do caminho, por não conhecermos devidamente o “meio de transporte” que nos guia.

Pois bem, pense agora nas diferenças existentes entre os habitantes do lugar onde você vive e os de outras regiões. Na capital, por exemplo, podemos ir à praia, aos shoppings, comer caranguejo ou beiju de tapioca nos bares da orla. Nos finais de semana, há sempre um show em algum lugar, um concerto ou uma peça no teatro ou uma variedade de filmes a serem escolhidos nos cinemas. Alguns preferem caminhar nos calçadões, outros simplesmente tomar uma cervejinha, enquanto alguns praticam seus cultos religiosos. Em suma, esses são resumidamente os nossos costumes; que seguramente são diferentes dos que você habitualmente faz na sua cidade.

Na realidade a nossa natureza é a mesma, o que nos diferencia são os hábitos que praticamos na nossa vida cotidiana. Tais hábitos constituem o que comumente chamamos de diversidade cultural.

Na História da humanidade sempre nos encontramos com culturas diferentes. O nosso olhar sobre o passado nos condena, irremediavelmente, a nos encontrarmos com o “outro” que, em alguns casos, embora sejam da mesma espécie que a nossa, praticam costumes completamente diferentes; o que nos causa estranheza e, quase sempre, produz preconceitos.

Você sabe por que isso acontece? Porque todos nós somos, de uma maneira ou de outra, etnocêntricos. O etnocentrismo encontra-se baseado na crença de que os nossos costumes são os certos e, conseqüentemente, nossa maneira de ver o mundo é a única realmente verdadeira. Neste



**Pierre Nora (1931)**

Grande colaborador de Jacques Le Goff na consecução da chamada Nouvelle Histoire. Juntos publicaram em 1974 uma coletânea com três volumes sobre o referido tema: 1. Novos problemas, 2. Novas abordagens e 3. Novos objetos. Em 1977 tornou-se diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Foi considerado um dos mais importantes e influentes editores da França.

### **André Burguière**

É professor de História Antropológica na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais; disciplina que fundamenta grande parte da sua produção científica. Suas pesquisas estão relacionadas, principalmente, ao estudo do corpo e das relações familiares, com enfoque centrado na História das Mentalidades.

sentido, o etnocentrismo é, de fato, um fenômeno universal e, portanto, a maneira como vemos as coisas é o resultado do meio cultural em que fomos socializados. Portanto, somos todos etnocêntricos porque fomos educados de maneiras diferentes, em lugares diferentes e em um outro tempo histórico.

Este aprendizado acumulativo sobre o mundo que nos cerca é chamado em Antropologia de endoculturação. Ele é marcado fortemente pela carga de significados que um determinado grupo social atribui aos fenômenos materiais e imateriais que se encontram a sua volta. Na realidade, tal processo é fruto de diferentes experiências históricas, inclusive das gerações anteriores a nossa; o que, de certa maneira, limita a nossa maneira de ver o mundo, prejudicando a compreensão de outras sociedades que possuem costumes diferentes dos nossos.

Em assim sendo, é essa capacidade reflexiva que possuímos enquanto membros da espécie humana, que nos possibilita atribuir significados aos fenômenos que se encontram a nossa volta. Nenhum outro animal será capaz de cumprir tamanha façanha; pois nenhum deles poderá transmitir aos outros aquilo que aprendeu. Neste sentido, a comunicação através da linguagem é um privilégio da nossa espécie.

Diante de tais pressupostos, e mediante inúmeras possibilidades compreensivas, pode-se resumir o conceito de cultura ao entendimento que **Roger Martin Keesing (1935-1993)** compilou sobre o termo no texto *Theories of Culture* (1974), traduzido por Laraia (1986, p.60-1) da seguinte forma:

Cultura são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômico, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.

Importante se faz frisar que os chamados “padrões de comportamento” são compreendidos de maneira distinta entre os diferentes grupos sociais existentes na humanidade; porque cada qual lhes atribui significados opostos. Por tal razão, interpretamos os fenômenos de maneira contraditória e nos opomos uns aos outros.

## CONCLUSÃO

Então, caro aluno ou querida aluna: espero que você tenha percebido que talvez resida nesta inata incompreensão mútua, tão característica da raça humana, a explicação para incapacidade que os europeus tiveram de entender o mundo que eles encontraram do outro lado do Atlântico. Um mundo novo, diferente, nem sempre pacífico, porém, irremediavelmente belo. Tão estranho aos olhos brancos que estes não conseguiram captar as sutis diferenças existentes na sua enigmática teia de significados opostos. Neste novo universo simbólico dividido entre “Deus e o Diabo”, só havia uma opção possível: a destruição e a conseqüente invenção de um “Novo Mundo” construído à imagem do “Velho”, onde os significados fossem compreendidos e as referências fossem mais “sólidas”.

Tudo isso teve um preço de conseqüências devastadoras para as culturas que aqui existiam; e é este trajeto de construção e destruição que nós vamos estudar neste curso de História das Américas. Espero que esta seja uma agradável aventura, porém, posso lhes garantir que: será inquietante o itinerário que iremos percorrer. Boa Sorte!

**Roger Martin Keesing (1935-1993)**

Foi linguista e antropólogo e realizou pesquisas que tiveram como campo de estudos o povo Kwaio que habita as Ilhas Salomão. Seus enfoques incluíam reflexões sobre religião, política, história, antropologia cônica e linguagem. Foi professor na Califórnia (USA – 1965), Canberra (Austrália – 1976) e McGill (Montreal – Canadá 1990).

## RESUMO

Nesta primeira aula, você teve contato com uma possível maneira de estudar a História das Américas: os procedimentos da Antropologia Histórica. Assim sendo, você aprendeu que:

1. A Antropologia Histórica foi fruto das mudanças patrocinadas pela Escola dos Annales, que na década de 20 do século passado, promoveu a aproximação da História com as demais ciências sociais.

2. A trajetória da referida escola pode ser dividida em três gerações: a primeira (1929- 1945) cujos principais representantes foram: Lucien Febvre e Marc Bloch; a segunda (depois de 1945 até a década de 60) marcada, principalmente, pela figura de Fernando Braudel e a terceira (da década de 60 aos nossos dias) marcada por nomes como Jacques Le Goff e Pierre Nora.

3. A Antropologia Histórica estuda os hábitos físicos, gestuais, alimentares, efetivos e mentais das diferentes sociedades humanas.

4. A compreensão do conceito de cultura como um sistema simbólico criado, transmitido e apreendido cumulativamente por diferentes grupos humanos, é de fundamental importância para realização de qualquer estudo que tenha por base a Antropologia.





### ATIVIDADES

Preste bastante atenção a este extrato da carta que Cristóvão Colombo enviou aos reis da Espanha por ocasião da sua primeira viagem ao continente americano:

[...] Essa gente é semelhante às das referidas ilhas, tanto na língua como nos costumes, só que os daqui me parecem um pouco mais domesticados, de trato, e mais perspicazes, pois vejo que trouxeram algodão aqui para nau. E ainda nesta ilha vi panos de algodão feito mantilhas e as pessoas mais gentis, e as mulheres trazem na frente do corpo um pedacinho de tecido de algodão que mal lhes cobre as partes pudendas. Não me consta que professem alguma religião e acho que bem depressa se converteriam em cristãos, pois têm boa compreensão.

FONTE: Texto extraído da primeira viagem de Cristóvão Colombo, nos dias 13, 16 e 21 de outubro de 1492. Publicado em Diários da Descoberta da América. Porto Alegre, L&PM, 1984, pp. 46-53 (Visão do Paraíso, v.1).

Diante da leitura cuidadosa do texto, destaque quais são os possíveis elementos que podem ser relacionados com nossa primeira aula; principalmente, no que diz respeito ao conceito de cultura como produção simbólica, ao etnocentrismo e à construção de um Novo Mundo tendo como modelo os antigos costumes europeus.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Inicialmente, destaca-se a incapacidade que Cristóvão Colombo demonstrou em diferenciar os variados grupos humanos que ele encontrou no Novo Mundo. Para eles todos são iguais ou, no mínimo, “semelhantes”.

Em segundo lugar, ele compara os índios a animais, pois se referiu a eles como “... mais domesticáveis”. Surge então a questão: não seriam humanos?

Contudo, imediatamente retoma a sensatez da suposta humanização dos silvícolas, ao constatar que os indígenas plantavam algodão e produziam panos, que, na falta de uma compreensão completa da sua utilidade, ele chamou de “mantilhas”, uma espécie de véu muito usado pelas mulheres para adornar a cabeça, no universo simbólico ocidental.

Em seguida, retoma preceitos morais, ao destacar que as mulheres cobrem as partes íntimas com um “pedacinho de tecido de algodão”. Certamente, um escândalo voluptuoso, se levarmos em consideração as verdades incontestáveis do universo cristão da época, que considerava a fêmea da espécie humana como a causadora de todo tipo de pecado.

Por fim, compreendeu que os índios não tinham religião e que, portanto, poderiam facilmente ser convertidos ao catolicismo. Ou seja, a verdade seria, única e exclusivamente, aquela professada pela cultura européia.

Na realidade, Cristóvão Colombo não poderia se expressar de outra maneira, pois as suas referências simbólicas eram européias. Sua socialização havia limitado sua maneira de pensar ao universo dogmático das doutrinas do catolicismo reinante na época. Dessa forma, o etnocentrismo não lhe permitia enxergar os índios como seres humanos diferentes dos europeus.

### AUTO-AVALIAÇÃO

1. O conteúdo desta aula foi suficiente para entender como se deu o processo de construção da Antropologia Histórica em sua relação com a evolução da Escola dos Annales?
2. Será que é possível estabelecer a relação existente entre a Antropologia e a História das Américas?
3. Será que compreendi com clareza o conceito de cultura apresentado neste texto?



### NA PRÓXIMA AULA

Estudaremos alguns aspectos gerais sobre a história antropológica das chamadas baixas culturas pré-colombianas.



## REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc Leopod Benjamin. **Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder regia na França e na Inglaterra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BRAUDEL, Fernando. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II.** 2 vols, Lisboa: martins Fontes, 1983.
- BRAUDEL, Fernando. **Civilização material, economia e capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BURK, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1988.
- BURK, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989).** São Paulo: Unesp, 1990.
- KEESING, Roger. **Theories of Culture. Annual Review of Anhtropology.** Vol. 3, Palo Alto, Califórnia, 1974.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.
- LE GOFF, Jacques et. all. **A Nova História.** Coimbra: Almedina, 1978.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs). **História nova: novos problemas, novas abordagens, novos objetos.** 3 vols. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel.** São Paulo: Editora Ática S. A., 1994.

### Leitura recomendada

- COLOMBO, Cristóvão. Primeira Viagem, dias 13, 16 e 21 de outubro de 1492. In. **Diários da Descoberta da América.** Porto Alegre: L&PM, 1984, pp.46-53 (Visão do Paraíso, v.1)